

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

VAN HOBOKEN (Dr. W. J.). — *Witte de With in Brazilië*. N. V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, Amsterdam, 1955. XIX + 324 páginas.

Na série de estudos monográficos consagrados à História Marítima do povo holandês, o Dr. W. J. van Hoboken acaba de publicar um livro interessante e bem documentado sobre um episódio pouco conhecido do domínio holandês no Brasil. Trata-se da frota enviada pelos Estados Gerais, no ano 1648, para aliviar o sítio dos batavos no Recife, a qual era comandada pelo almirante Witte Corneliszoon de With.

A historiografia holandesa, em geral, tem mostrado pouca simpatia pela figura desse valente almirante, adversário teimoso e rancoroso do herói nacional Maarten Tromp. Sem dúvida, de With era homem violento e áspero, exigente para com seus marinheiros e talvez demasiadamente franco com seus superiores. Além disso, — *rien ne réussit comme le succès!* — foi muito infeliz na sua empresa brasileira. O autor do presente livro mostra que o malôgro não pode ser imputado à inércia e muito menos ainda à incompetência do almirante, e sim que a responsabilidade pelo fracasso recai principalmente sobre a defeituosa máquina governamental da República, impedida de funcionar bem pelo provincialismo inveterado; outra causa foi a falta de uma clara definição dos diversos poderes, bem como uma certa negligência das autoridades holandesas em relação às coisas do Brasil. O livro do Dr. van Hoboken ilustra excelentemente a célebre frase de um poeta holandês no século XVIII: *Verzuimd Braziel* (O Brasil Negligenciado).

O autor, que nunca se perde em digressões inúteis ou retóricas e a cada passo dá provas de conhecer e de respeitar as fontes contemporâneas, descreve como, em agosto de 1647, na véspera do Tratado de Paz com a Espanha, os Estados Gerais, cedendo afinal às solicitações da Zelândia, a província mais interessada na Companhia das Índias Ocidentais, resolveram a enviar um socorro ao Brasil: 12 navas de guerra e 6.000 homens armados. Já antes da partida, de With, menos otimista do que seus principais, previa grandes dificuldades especialmente no que diz respeito ao abastecimento das tropas (os acontecimentos posteriores justificaram essa preocupação), e insistia em que fossem circunscritas com exatidão suas atribuições (outra fonte de malentendidos). Apesar disso, suas instruções eram pouco claras, prestando-se a várias interpretações. Dados esses erros iniciais, não é de estranhar que o almirante, uma vez chegado ao Brasil, tenha sido numerosos conflitos com o Alto

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

Conselho, o qual se considerava como o supremo árbitro nos negócios do Brasil, sem, entretanto, estar à altura da sua tarefa. E' verdade também que o Alto Conselho se achava numa situação precária, visto que praticamente estava entregue às suas próprias forças, que eram muito exigüas.

Witte de With via-se condenado a uma inatividade indecorosa, ou então a desempenhar com a sua frota um papel secundário. E tudo isso, enquanto se evidenciava cada vez mais que o Alto Conselho era incapaz de enfrentar com eficácia a situação, e gastava inútilmente as escassas reservas de homens e de navios. Não podemos acompanhar aqui, nos pormenores, as peripécias desta desventurada expedição holandesa. Basta dizermos que o Alto Conselho, desde a segunda derrota de Guararapes (19-II-1649), tomou a decisão de adotar uma atitude meramente defensiva, à espera de novos reforços que haviam de vir da metrópole e que, na realidade, chegaram muito tarde (1650) e em número insuficiente. Depois de um bloqueio ineficiente do pôrto do Rio de Janeiro, de With, vendo que seus navios estavam sendo estragados e bem sabendo que nada poderia conseguir sem a remessa de mais navios, armas e víveres, pediu licença ao Alto Conselho para regressar à Holanda com três naves da frota já reduzida; esperava poder persuadir as autoridades da República a que dessem um apôio mais generoso à colônia periclitante no Brasil. O Alto Conselho concedeu-lhe a licença, mas, alguns meses depois (outubro de 1649), recusou-lha, apelando para instruções vindas da pátria. Negociações intermináveis entre os dois partidos não chegaram a um acôrdo. No dia 9 de novembro, o almirante, justificando-se pelas instruções recebidas na Holanda e considerando-se responsável pela conservação dos navios, voltou, por conta própria, para a pátria.

De With teve uma viagem difficil, e devido a uma coincidência de circunstâncias, entrou no Mar Irlandês, sendo obrigado a passar uns três meses na ilha de Anglesey antes de poder pisar o solo pátrio. Aí foi recebido com muita frieza pelos Estados Gerais, que já estavam informados do ato de insubordinação do almirante; pouco tempo depois, foi prêso. Era acusado de deserção. O Promotor Público exigiu ua pena de morte. Mas o juri, composto de dez membros (ao que parece, imparciais), proferiu sua sentença só em fevereiro de 1650, condenando o almirante à perda dos seus vencimentos desde sua partida do Brasil e ao pagamento das custas do processo. Visto que os considerandos da sentença não chegaram até nós, é-nos impossível dizer com certeza até que ponto o tribunal o julgava culpado. Em todo o caso, a pena ligeira prova bastante que de With não era considerado como desertor. E o autor, ao contrário de uma opinião comum da historiografia holandesa, demonstra que não houve interferência dos poderes políticos no processo do almirante.

O livro do Dr. van Hoboken vem provido de um *Summary* em inglês, e de uma ampla bibliografia; aí, porém, o leitor brasileiro gostaria de ver os títulos de alguns livros brasileiros.

JOSE' VAN DEN BESSELAAR

* *